

PESQUISA-FORMAÇÃO E HISTÓRIAS DE VIDA DE PROFESSORAS BRASILEIRAS E PORTUGUESAS: REFLEXÕES SOBRE TESSITURAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

*Research-formation and life histories of Brazilian and Portuguese teachers:
reflections on theoretical-methodological contexture*

Inês Ferreira de Souza Bragança

inesbraganca@uol.com.br

Resumo

O presente trabalho mergulha na pesquisa “Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal”, buscando dar visibilidade às contribuições da abordagem (auto)biográfica no campo da pesquisa sobre formação docente. Iniciamos com um olhar sobre os caminhos trilhados pela história de vida como metodologia no campo das ciências humanas e sociais, destacando interfaces, especialmente, entre a História e a Sociologia, na composição de algumas pistas e conceituações teórico-metodológicas. A seguir, indicamos caminhos percorridos na apropriação dessa abordagem pelo campo de estudo da formação de professores para, então, apresentar a opção metodológica da pesquisa em foco, desenvolvida por meio de entrevistas biográficas com professoras portuguesas e brasileiras, em contexto de pesquisa-formação. A dinâmica da pesquisa indica potencialidades emancipatórias da perspectiva (auto)biográfica, apontando para uma nova epistemologia de investigação e de formação que se corporifica na dialética entre experiência, memória e narração. *O trabalho com a narrativa de vida coloca o pesquisador diante de uma epistemologia do diálogo, da partilha, da empatia entre dois sujeitos que aprendem, que formam em comunhão, assim, uma nova epistemologia de investigação e de formação.* Por outro lado, encontramos, também, na abordagem das

Abstract

The present study plunges into the research “Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal” (“*Life histories and formation of teachers: dialogues between Brazil and Portugal*”) aiming to give visibility to the contributions from the (auto)biographical approach in the research area of teacher formation. We start with a view on the paths trod by life history as a methodology in the area of Social and Human Sciences, emphasizing particularly the interfaces between History and Sociology in the composition of some clues and theoretical-methodological concepts. Next, we indicate the ways explored in the appropriation of this approach through the area of study of teacher formation in order to present the methodological option of the research in focus, developed through biographical interviews with Portuguese and Brazilian teachers in a research-formation context. The research dynamics indicates (auto)biographical emancipatory potentialities, leading to a new formation and investigation epistemology which is embodied in dialectics between experience, memory and narration. *Working with narratives of life places the researcher before an epistemology dialogue, partition and empathy between two persons that learn and, consequently, compound in communion a new investigation and formation epistemology.* On the other hand, in the approach of histories of life

histórias de vida em formação, sentidos de *uma perspectiva ontológica, pedagógica e política*, presente quando, em contexto de investigação–formação, narramos e partilhamos a biografia educativa.

in formation we also find senses of *an ontological, pedagogical and political perspective*, present when we narrate and share the educational biography in an investigation–formation context.

Palavras-chave: história de vida; pesquisa/formação; formação docente.

Key words: life history; research/formation; teacher formation.

Introdução e problemática

O presente trabalho mergulha na pesquisa “Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal”, buscando dar visibilidade às contribuições da abordagem (auto)biográfica no campo da pesquisa sobre formação docente. A referida pesquisa desenvolveu-se no âmbito do doutoramento em Ciências da Educação da Universidade de Évora. Iniciamos o texto com um olhar sobre os caminhos trilhados pela história de vida, como metodologia no campo das ciências humanas e sociais, destacando interfaces, especialmente, entre a História e a Sociologia, na composição de algumas pistas e conceituações teórico-metodológicas. A seguir, indicamos caminhos percorridos na apropriação dessa abordagem pelo campo de estudo da formação de professores para, então, apresentar a opção metodológica da pesquisa em foco, desenvolvida por meio de entrevistas biográficas com professoras portuguesas e brasileiras, em contexto de pesquisa–formação e algumas considerações.

Tendo como referência a busca de uma racionalidade mais humana, sensível e partilhada, procuramos compreender o entrelaçamento entre diversas dimensões da trajetória de vida e formação das professoras, dando visibilidade às memórias polifônicas da vida, às experiências docentes e à formação acadêmica. A dinâmica da pesquisa indica potencialidades emancipatórias da perspectiva (auto)biográfica, apontando para uma nova epistemologia de investigação e de formação, que se corporifica na dialética entre experiência, memória e narração.

A problemática da pesquisa apresenta-se pela busca de uma formação ancorada em uma racionalidade pedagógica que acolha as múltiplas dimensões, que envolvem a construção dos saberes e da própria vida. Embora aumentem as pesquisas em educação, políticas e regulamentações sobre o ensino, os processos escolares e formativos continuam áridos e pouco férteis. Encontramos, neste campo, um complexo conjunto de fatores, e, com Linhares (2000), perguntamos se, diante desses dilemas, os processos de formação serão reeditados, remontados ou apropriados, para uma reinvenção à altura da complexidade da vida e de suas exigências éticas. Precisamos, ainda hoje, nos unir a tantos educadores, professores, pedagogos que antes de nós lutaram pela reinvenção cotidiana da escola e da formação docente. É preciso retomar lutas vencidas pela racionalidade triunfante, buscando, por meio de ações singulares, mas entranhadas no contexto sócio-histórico, alternativas de formação mais dialógicas e humanas.

Há premência de pontes para a reinvenção da escola e para a formação de seus profissionais. Pontes entre saberes, noções, ideias, narrativas, memórias, disciplinas, habilidades, ações e acontecimentos, todas visando refundar a escola em outros moldes que a predisponham a trabalhar por uma cultura mais incluyente, mais prazerosa e compartilhada. (LINHARES, 2001, p. 10)

A escola e a formação buscam essas pontes, um entrelaçamento complexo entre as diversas dimensões formativas, entre saberes acadêmicos e experienciais, memórias e narrativas, práticas e teorias. As dinâmicas de formação têm, entretanto, indicado um movimento de “aceleração” (NORA, 1993), que faz um esforço de demissão da experiência em sentido pleno, coletivo, uma demissão da partilha, do encontro, da vida (BENJAMIN, 1993). A aceleração está colocada tanto no sentido das políticas públicas e dos processos curriculares como, também, envolve aqueles que procuram formação. Índícios da pesquisa educacional nos levam a perceber que a racionalidade, em que estão assentados nossos cursos de formação inicial e contínua, tende a excluir a vida e as complexidades existenciais. Colocando-se a formação longe da vida, há dificuldade de tocar os sujeitos, de aflorar a experiência, favorecendo a vivência pontual e fragmentada. Uma das perspectivas, que já se vem colocando em diversas pesquisas e práticas, é a busca de uma formação ancorada em uma racionalidade mais humana, e, portanto, necessariamente mais sensível e dialógica, como nos ensina Paulo Freire.

Nesse sentido, é possível observar movimentos capilares que caminham para a ruptura e que, para além do discurso, conseguem instaurar práticas instituintes e, talvez, novas racionalidades. É possível encontrar, em muitos espaços, tanto no Brasil como em Portugal, a afirmação de uma Pedagogia que procura se traduzir em uma formação mais humana, amorosa, compartilhada, com a incorporação dialética da complexidade da prática, articulando movimentos de reflexão, pesquisa e formação.

A busca pela análise da referida problemática nos levou à abordagem de pesquisa-formação, com enfoque nas histórias de vida de seis professoras do Primeiro Ciclo do Ensino Básico, em Portugal, e de seis professoras dos primeiros anos do Ensino Fundamental, no Brasil. Encontramos, no estudo das biografias educativas dessas professoras, indícios de um processo vital, que envolve experiências, construção de conhecimento, transformações pessoais e coletivas. No movimento dialético da narrativa, os sujeitos se apropriam da vida como processo formativo e tomam a responsabilidade pela atribuição de sentido e pela ressignificação da trajetória pessoal/profissional. A biografia educativa coloca ênfase no movimento reflexivo, toma como referência a centralidade temporal, potencializadora do presente e do futuro, e, assim, transforma a rememoração em formação (DOMINICÉ, 2000).

Caminhos trilhados pela história de vida como metodologia no campo das ciências humanas e sociais

Trazemos, aqui, uma síntese das reflexões metodológicas que orientaram o trabalho de investigação, uma busca que foi se fazendo no dia a dia da pesquisa, na conjugação intensa de suas tramas. A problemática apresentada anteriormente aponta para as histórias de vida como perspectiva metodológica, e, assim, apresentamos um diálogo com a literatura na definição de conceitos fundamentais.

A história de vida está colocada como prática social e aparece na transmissão/recriação da cultura, por meio das narrativas de pais para filhos, das histórias da família e da comunidade. São as práticas intergeracionais de comunicação do testamento construído pela comunidade. O grupo sentado na roda, para relato das histórias tecidas socialmente, é uma marca da forma propriamente humana de produção de conhecimentos, e constitui o registro espontâneo das narrativas orais de vida. Além da prática oral, encontramos a produção e preservação de objetos como cartas, lembranças, os baús de memória como depositários da história individual/coletiva. Pineau e Le Grand (1993) destacam também as práticas culturais que assumem o papel de constituição e partilha dos marcos da memória do grupo, como

comemorações, histórias da coletividade, biografias e autobiografias, o audiovisual e o cinema, recursos que vão “arquivando”, produzindo a memória externa do grupo.

Esta perspectiva espontânea foi assumindo, posteriormente, forma de gênero literário. Na antiguidade clássica, os diálogos de Platão são ilustrativos da utilização literária da perspectiva biográfica. Já o gênero autobiográfico, muito ligado à cultura ocidental, teve seu marco e desenvolvimento mais intenso a partir do século XIX¹ (PINEAU e MICHÈLE, 1983). Além de sua forma espontânea e literária, as narrativas de vida constituem uma metodologia de pesquisa que veio tomando diferentes contornos nas Ciências Sociais.

A incorporação das histórias de vida como caminho metodológico coloca o desafio de trabalhar fora do quadro lógico-formal, positivista, reenviando o olhar para uma perspectiva aberta e a incorporação da subjetividade como elemento fundamental da constituição epistemológica do saber neste campo do conhecimento, já que fundada na interação social, no olhar do sujeito. É preciso, segundo Ferrarotti (1990), buscar os fundamentos epistemológicos dessa abordagem na razão dialética e histórica, na práxis das relações entre indivíduo e sociedade. Nesse mesmo sentido, Pineau e Le Grand (1993) afirmam que as histórias de vida não se reduzem a um método, mas possibilitam questionar as Ciências Humanas em sua fundamentação epistemológica.

Assim, o enfoque teórico-metodológico rompe com o paradigma lógico-formal, focaliza a vida, em seus movimentos individuais e coletivos, como um *locus* privilegiado de compreensão dos processos sociais e históricos. Não se reduz a uma técnica de recolhimento de dados ou de informações, mas também não se afirma como uma teoria ou ciência isolada, colocando-se, por sua natureza, na mediação entre a prática da investigação e a construção de conhecimentos, em uma abordagem multirreferencial que vai possibilitando a inteligibilidade dos processos humanos.

A temporalidade assume grande relevância nessa abordagem, pois trabalhar com as histórias de vida traz o desafio de ultrapassar a linearidade paralisante do paradigma simplificador, e coloca-nos na intensidade de reflexões que cruzam passado, presente e futuro. O presente problematiza o passado, projetando o futuro. Assim, falar de história de vida, tanto na História como na Sociologia, é falar do movimento ontológico de conhecer, de dar sentido às trajetórias vividas, desejando sempre a construção do futuro.

Encontramos também a ruptura com uma clássica colocação dos lugares de quem investiga e constrói conhecimento científico, e de quem participa como objeto investigado. Investigadores e participantes são sujeitos do processo de conhecer e, nesse sentido, há um movimento de formação que envolve de maneira vital aqueles que se colocam na pesquisa. As histórias de vida indicam, portanto, a ação propositiva dos sujeitos, um trabalho laborioso de pavimentação do passado, na construção dos múltiplos sentidos do presente e do futuro. Nas palavras de Thompson (1998, p. 43): “A história não deve apenas confortar; deve apresentar um desafio, e uma compreensão que ajude no sentido da mudança... O que se requer é uma história que leve à ação; não para confirmar, mas para mudar o mundo”.

A abordagem das “histórias de vida” toma a articulação entre vida e historicidade. O foco centra-se, como já referido, na temporalidade enquanto dimensão fundamental, abrindo a possibilidade de trabalho com diferentes recursos como narrativas orais e escritas, documentos, imagens, enfim, o que possa constituir apoio material e simbólico à expressão e busca de sentido para a vida nas tramas do tempo. A expressão da vida, como movimento ontológico, traz necessariamente sua dimensão histórica manifesta em um caminho de construção não previsível.

História de vida na pesquisa em educação e na formação de professores

Após percorrer alguns indícios trilhados pela história de vida como metodologia nas Ciências Humanas e Sociais, este item tem como proposta analisar os caminhos dessa abordagem no campo educativo de forma geral e, especialmente, para a formação de professores. Essa perspectiva de trabalho, no campo educativo, vem no contexto do “retorno do sujeito”, ou seja, após a hegemonia das concepções estruturalistas que predominaram até o final dos anos 1970. É na efervescência paradigmática, que trouxe a discussão do sujeito em sua singular complexidade social, que as pesquisas em educação foram sendo permeadas por um enfoque que procurou recuperar a reflexividade humana e filosófica dos processos de construção do conhecimento em educação.

Encontramos, nas Ciências Humanas, uma mudança paradigmática que reconduziu o olhar do geral ao particular, da totalidade ao fragmento, da quantidade à qualidade, do instituído ao instituinte. Tais movimentos não ficaram alheios às Ciências da Educação e, desde os anos 80, têm contribuído no desafio cotidiano de reinvenção das práticas educativas e de pesquisa. E é nesse contexto que os métodos (auto)biográficos foram sendo colocados, especialmente na formação (NÓVOA, 1988). Se sua utilização no campo educativo é recente, comparativamente às Ciências Humanas, o olhar sobre a literatura faz-nos perceber sua crescente ampliação e aprofundamento teórico-metodológico.

Analisando o desenvolvimento dessa perspectiva no campo educativo, António Nóvoa (2002) destaca que foi no âmbito de discussão sobre a educação permanente que o aporte (auto)biográfico colocou-se como possibilidade metodológica. A crítica à ênfase tanto no modelo escolar como forma hegemônica do processo de formação, como na infância como idade específica deste processo, encaminhou a discussão para os processos de educação permanente, valorizando-se a educação ao longo da vida, bem como a aprendizagem como movimento que envolve também a vida adulta. Nesse mesmo sentido, Pineau e Le Grand (1993) afirmam que é na formação de adultos que a história da vida se desenvolve, desde os anos 80, como perspectiva de pesquisa e prática de formação, buscando sempre uma articulação entre teoria e prática.

A literatura estudada indica polos acadêmicos que desenvolveram esta abordagem de investigação no campo educativo. Na Universidade de Genebra, com os pesquisadores Pierre Dominicé, Marie-Christine Josso e Mathias Finger, por meio do trabalho com o conceito de Biografia Educativa; e, em Quebec, com Gaston Pineau, onde as histórias de vida colocaram-se como possibilidade de pesquisa-formação e de autoformação. Com um aporte específico no pragmatismo de John Dewey, nos Estados Unidos, Donald Schon trabalha conceitos ligados à reflexão sobre a prática profissional como caminho de construção do conhecimento, abordagem amplamente difundida nas pesquisas em educação. (PINEAU e LE GRAND, 1993; NÓVOA, 2002; JOSSO, 2002)

A referida produção manifestou grande influência sobre a investigação, destacando-se as possibilidades de articulação entre essa abordagem teórico-metodológica e o campo de formação de professores, fertilizando uma diversidade de pesquisas e práticas.² Tanto os recursos da biografia educativa, com os pesquisadores de Genebra, quanto o conceito de autoformação, trabalhado em Quebec, contribuíram para o desenvolvimento da abordagem (auto)biográfica, que foi se manifestando em uma multiplicidade teórico-metodológica de trabalhos no âmbito educativo.³

Pesquisa-formação e as especificidades da biografia educativa

Buscamos, aqui, uma delimitação específica do aporte desenvolvido no presente trabalho de investigação: a biografia educativa. Inicialmente, contextualizamos a pesquisa-formação para, a seguir,

analisar os desdobramentos da biografia educativa e sua pertinência no estudo da problemática em questão. A pesquisa-formação tem sua matriz na pesquisa-ação, já que busca um efetivo envolvimento dos pesquisadores no movimento de transformação individual e coletiva, trazendo uma variedade de atividades no campo da disciplina de base do pesquisador, no campo empírico, bem como do ponto de vista da possibilidade de transformação social. Esta perspectiva encontra fundamentação na dialética histórica, no conceito de práxis, tal como proposto por Marx, que convoca uma Filosofia que não apenas interprete o mundo, mas que possa transformá-lo, por meio de uma relação de imbricação entre prática-teoria-prática. (JOSSO, 1991)

Além do caráter de ação dialética, de busca de transformação, Josso destaca como característica dessa proposta metodológica o sentido de “experiência” – a pesquisa-ação e a pesquisa-formação geram uma experiência que apresenta uma natureza específica. Se no positivismo encontramos uma separação entre sujeito e objeto, na perspectiva que analisamos, é no movimento intersubjetivo, no encontro e na partilha do processo de investigação que o conhecimento é produzido e, assim, a pesquisa-formação assenta-se sob uma experiência existencial que produz conscientização. O postulado da pesquisa-formação é, pois, de que a intensidade dessa experiência pode produzir conscientização como processo que não pode ser ensinado, mas que é vivido de maneira muito pessoal pelo sujeito – um movimento que leva à busca de transformação. Essa perspectiva de investigação não nega o carácter científico, antes busca um saber, fruto de uma objetivação, apresentando múltiplas dimensões (Ibid.).

Em um contexto de interação efetivamente humana, o desenvolvimento do trabalho de investigação, nessa abordagem, produz, assim, um movimento de formação, de autodesenvolvimento para o investigador e para os que participam como sujeitos da pesquisa. A pesquisa-formação implica uma experiência significativa de articulação de saberes. Não busca a produção de um saber dicotomizado, que, futuramente, “poderá ser aplicado” socialmente. Mas o desenvolvimento da pesquisa pressupõe a mobilização de saberes, experiências e práxis vitais.⁴

É, nesse contexto, que se insere a abordagem da “biografia educativa”, conceito formulado por Pierre Dominicé nos anos 80. Tendo como referência a tradição das histórias de vida na perspectiva sociológica, o autor experimenta um enfoque centrado na narrativa de formação, diferenciando do que anteriormente foi realizado nas Ciências Humanas (JOSSO, 1991). Em *Learning from Our Lives: Using Educational Biographies with Adults* (2000), o referido autor relata a construção de seu caminho de investigação, que, partindo do trabalho sobre avaliação, encontra, na abordagem autobiográfica, uma forma de estudar o processo de aprendizagem dos adultos.

Segundo esse autor, a biografia educativa não é uma autobiografia completa como a história de vida, mas é o relato das experiências que, ao longo da vida, se constituíram de maneira formadora, trazendo a intensidade de um processo muito pessoal marcado por seu sentido coletivo (Ibid.). Encontramos, assim, nessa abordagem, o trabalho com as histórias de vida que enfatiza os percursos formativos, a compreensão e a análise biográfica desse processo vital – a construção do conhecimento, engendrando transformações pessoais e coletivas nos sujeitos. É no movimento dialético entre passado, presente e futuro que os sujeitos se apropriam da vida como processo formativo e tomam a responsabilidade pela atribuição de sentido e pela ressignificação da trajetória pessoal/profissional. A biografia educativa não coloca, nesse sentido, ênfase no resultado material do processo, ou seja, no texto escrito, mas no movimento reflexivo.

Referindo-se ao trabalho com a história oral, Thompson (1998, p. 205 e 208) destaca que, após a realização de entrevistas com idosos, estes retomaram um novo ânimo em relação à vida. Assim, em

sua experiência de trabalho historiográfico, observa que a narrativa oral tem, de maneira geral, um resultado positivo para os entrevistados. “Recordar a própria vida é fundamental para o nosso sentimento de identidade; continuar lidando com essa lembrança pode fortalecer, ou recapturar, a autoconfiança”. A biografia educativa focaliza esta dimensão potencializadora, especificamente, no processo formativo, indicando a possibilidade efetiva de que esse processo se constitua em uma experiência instituinte de novos saberes e práticas e, no caso da pesquisa em pauta, de uma ressignificação dos modos de ser e estar na docência.

Reflexões sobre tessituras teórico-metodológicas e considerações

Buscamos, ao longo do texto, explicitar a problemática e a fundamentação teórico-metodológica do presente estudo, situando-o no campo da pesquisa-formação, por meio da abordagem das histórias de vida, especificamente da biografia educativa. O desenvolvimento metodológico da investigação corporifica o sentido de movimento e de construção/reconstrução permanente da pesquisa, ou seja, os indicativos do projeto de investigação foram tecidos no dia a dia de uma trama entre Brasil e Portugal.

É um pouco assim - a pesquisa como uma deliciosa “sopa de pedra”. São muitos os ingredientes e, em sua preparação, cada um deles precisa de um tratamento específico, de um tempo de cozimento, de uma panela adequada. E se essa sopa tem uma receita, em conversa com minhas amigas portuguesas, o que caracteriza sua própria origem é a possibilidade de fazer um saboroso prato, quente e inspirador, a partir do que temos, dos ingredientes que dispomos e que, alquimicamente, vão dando sabor e sentido. É preciso saber administrar e viver o tempo de cada um dos ingredientes da pesquisa que, juntos, dialeticamente, se articulam e dão sabor ao trabalho. (BRAGANÇA, 2005. Livro da Vida⁵, 1.º de novembro)

Pesquisa sonhada no Brasil, desenvolvida lá e cá, no diálogo sobre a vida, a sociedade, as complexidades da escola e da formação de professores em Portugal e no Brasil. Uma professora que, como estrangeira, espreira, sente a forma de viver e produzir a docência de professoras do 1.º ciclo do Ensino Básico, em Portugal, e que, na nossa realidade brasileira, tão próxima, tão conhecida, procura o estranhamento, as vozes silenciadas de professoras do Ensino Fundamental. Os ingredientes dessa configuração metodológica foram se dando aos poucos, no ir e vir, no refletir, no fazer e no refazer do plano de trabalho.

O caminho trilhado pela investigação-formação consistiu na realização de três entrevistas biográficas com cada uma das 13 professoras participantes, sendo sete em Portugal, as quais vivem e trabalham na grande Lisboa, no Porto e em Évora, e seis no Brasil, de São Gonçalo e Bom Jesus do Itabapoana, no Rio de Janeiro. Com a primeira professora portuguesa, desenvolvemos um primeiro ensaio, ou seja, os encontros que tivemos seguiram todo o caminho proposto para a metodologia. Entretanto, a análise de sua trajetória não foi incluída no trabalho, considerando que o objetivo desta etapa consistiu em possibilitar um momento de reflexão sobre os procedimentos da pesquisa. Seguiu-se, então, a investigação com as seis professoras do 1.º Ciclo do Ensino Básico, em Portugal, que se encontram em diferentes momentos da carreira profissional, e, posteriormente, a realização das entrevistas com as seis professoras brasileiras que atuam nos primeiros anos do Ensino Fundamental.

Com a orientação de um roteiro, nos dois primeiros encontros, fomos conduzidos pela beleza de narrativas que, tomando a vida como espaço-tempo de formação docente, foram entrelaçando experiências

vindas das memórias polifônicas da vida, da trajetória acadêmica e profissional. Nesses relatos encontramos muitos indícios de experiências instituintes de formação, que ressaltam valores aprendidos com os pais, aprendizagens da vida nas aldeias, vilas e cidades, memórias como alunas da escola primária e da formação acadêmica, compartilhadas com alunos e colegas ao longo da trajetória profissional e tantas outras.

O terceiro encontro assumiu grande relevância no caminho metodológico, pois foi destinado a um movimento de interpretação compartilhada da biografia educativa. Após a leitura das transcrições, cada professora foi convidada a discutir, em conjunto, os sentidos do processo de formação. Nesse momento, foram também apresentadas análises preliminares e indicativos, encontrados pela investigadora, que constituíram um roteiro de reflexão. Esse terceiro encontro intensificou o sentido de formação que se dá tanto para quem reflete sobre seus próprios caminhos na vida e na docência, como também para quem aprende ao ouvir e buscar conhecimento na narrativa do outro.

O desenvolvimento da pesquisa nos levou a algumas considerações, que apresentamos a seguir. *O trabalho com a narrativa de vida coloca o pesquisador diante de uma epistemologia do diálogo, da partilha, da empatia entre dois sujeitos que aprendem, que formam em comunhão, assim, uma nova epistemologia de investigação e de formação.* Por outro lado, encontramos, também, na abordagem das histórias de vida em formação, sentidos de *uma perspectiva ontológica, pedagógica e política*, presente quando, em contexto de investigação-formação, narramos e partilhamos a biografia educativa.

Do ponto de vista *ontológico*, o aporte das histórias de vida procura o reencontro do ser com ele mesmo em partilha com as pessoas e o mundo. Nas palavras de Couceiro (1995, p. 336), “tornar possível ao sujeito a elaboração da coerência que lhe permite ir se produzindo como pessoa”. A autorreflexão aponta para um potencial de transformação do sujeito, de reconstrução das trajetórias, reconfigurando sentidos da vida na globalidade da existência (CUNHA, 2001; FRANCO, 2000).

É, ainda, na dimensão *ontológica*, que situamos as relações estabelecidas entre narrativa das histórias de vida e identidade. Referindo-se às potencialidades do trabalho memorialístico, no campo das Ciências Sociais como um todo, Pollok (apud CATANI, 1997, p. 19) afirma que o recurso às histórias de vida constitui, nesse sentido, um instrumento de reconstrução da identidade, não trazendo apenas relatos factuais. No trabalho com a memória, fragmentos do passado se articulam, ressignificando uma imagem sobre o “ser professor”, trazendo um “sentimento de identidade” (Ibid., p. 23). Apesar de não haver nenhuma questão direcionada para a forma de ser e estar, o movimento de dizer de si, de sua forma de ver o mundo e das mudanças e construções que foram se dando ao longo da vida, foi recorrente nas professoras participantes. Reflexões impregnadas na própria narrativa e que dizem da forma como se veem na vida, como pessoas e professoras. As histórias de vida ajudam, assim, a compreender o processo identitário dos professores, de forma situada no contexto sócio-histórico, pela articulação entre dimensões pessoais, profissionais e sociais no curso do tempo (Ibid., p. 40; FRANCO, 2000).

A perspectiva *pedagógica* aparece pela possibilidade de reflexão e ressignificação das práticas docentes. Nesse sentido, a narrativa coloca-se como caminho “de produção de imagens e fazeres instituintes. Fazeres que recuperem antigos sonhos de justiça, que questionem práticas instituídas, buscando formas instigantes de estar na profissão” (BRAGANÇA, 2003). A narrativa traz uma reflexão sobre a prática docente, as primeiras imagens constituídas, os sentidos atribuídos à profissão, o desenrolar de uma trajetória, mas também os acontecimentos biográficos instituintes de reflexão, de reorganização de caminhos na docência.

Mas, ainda, as histórias de vida revestem-se de um *sentido politicamente emancipador*, já que, potencialmente, as transformações se dão também em uma perspectiva ampla, social. É como ação rebelde que o aporte (auto)biográfico afirma-se enquanto um caminho de aprendizagem coletiva, incorporando vozes

silenciadas pela política educacional e de formação docente, produzindo uma contracultura em oposição à oficial. Coloca-se como uma possibilidade de refazer caminhos e imagens, a partir do lugar da experiência e do saber docente, em um processo profundamente partilhado.

As nossas narrações abertas são um convite para a presença de outras narrações. Reescrevemos a história e a política da educação à luz das reflexões sobre a própria experiência vivida, desejando nelas inscrever as pulsações dos educadores, as versões das nossas lutas, tantas vezes silenciadas. Recolocamos o legado que recebemos do passado como herança grávida de futuros, assim mesmo no plural, onde a dignidade de ensinar e do saber não estejam sacrificadas pelas opressões, mesmo aquelas mais sutis e miúdas, que perversamente nos afligem e sacrificam nossa tão arranhada liberdade. (LINHARES e NUNES, 2000, p. 8)

A narração, como um dos caminhos no campo da formação docente, assenta-se na abertura de um diálogo que faz e se refaz na luta cotidiana da vida e da profissão e que se amplia, retomando as lutas silenciadas no contexto sócio-histórico. E, assim, no plural, vai se fazendo a formação, na intensa construção da vida. As professoras participantes trouxeram a beleza e a simplicidade da aprendizagem humana, a necessidade do outro; foram “muitos outros” presentes nas narrativas, pessoas que, em diferentes situações e contextos, assumiram um papel fundamental no fortalecimento, na continuidade ou para ruptura e mudança de caminhos. A narrativa da trajetória de vida indica, assim, um potencial emancipador pelo olhar sobre nós mesmos, sobre a docência, sobre os outros e os contextos que materializam política e historicamente a vida e a profissão.

É importante, entretanto, frisar que esses indícios constituem apenas potencialidades, ou seja, os caminhos das histórias de vida no campo da formação docente apontam para possibilidades. O sentido dos movimentos e processos, tanto no nível das investigações, quanto no da formação, depende da intensidade da experiência, ou melhor, de que o encontro reflexivo constitua, efetivamente, uma experiência tanto para o investigador como para os sujeitos da pesquisa. É necessário se deixar tocar, mobilizar, transformar. Nesse sentido, temos um caminho em aberto a ser construído.

Notas

- 1 Pierre Dominicé (2000, p. 38) sinaliza a importante análise desenvolvida por Philippe Lejeune sobre a autobiografia na literatura, descrevendo como o fenômeno da narrativa e da publicação desenvolveu-se na Europa do século XVIII.
- 2 Nos anos 80, António Nóvoa e Mathias Finger publicaram em Portugal “O método (auto)biográfico e a formação”; e, no Brasil, a obra “Os professores e sua formação” (1992), organizada também por Nóvoa, trouxe uma influência decisiva no desenvolvimento do aporte (auto)biográfico (NÓVOA, 2000, p. 9). Referindo-se ao desenvolvimento desta perspectiva teórico-metodológica no campo da formação de professores, Josso (2002, p. 19) cita Malika Belkaid, que inaugura a pesquisa nesse campo em Genebra; e, ainda, Catani, Bueno, Sousa e Souza, pesquisadoras brasileiras, que, nos anos 90, desenvolveram interessante trabalho em uma abordagem de pesquisa-formação.
- 3 Josso (2002, p. 11 e 13) sinaliza, especialmente, a ênfase na formação de adultos, nos currículos para a formação de professores, no impacto sobre a formação contínua e em projetos diferenciados ligados à formação profissional. Pineau (PINEAU e MICHÈLE, 1983, p. 182) também

- analisa as diferentes utilizações das histórias de vida em educação de adultos, destacando a conscientização popular na América Latina, o trabalho com as histórias dos analfabetos em Quebec, a formação profissional contínua e a formação de formadores.
- 4 Pineau (PINEAU e MICHÈLE, 1983) apresenta o resultado de um trabalho que vem como investimento no processo de pesquisa-formação por meio da história de vida, no qual Marie Michèle, que participa como sujeito da pesquisa, narra e interpreta seu processo de formação, de autodesenvolvimento. Michèle relata a intensidade desse movimento que, como operação vital, vai transformando e dando sentido à própria vida.
- 5 “O termo “Livro da Vida”, como parte integrante da presente pesquisa, busca trazer a intensidade dos caminhos percorridos ao longo do processo. É “livro”, pois propõe o registro das “idas e vindas” e, apesar de intrinsecamente ligado a todo movimento da pesquisa, apresenta certa independência do formalismo acadêmico: não se coloca como capítulo ou item constitutivo da tese, mas como espaço de autorreflexão sobre a pesquisa. Sua proposta é o relato, a narrativa e, nesse sentido, é mesmo “da vida”, traz a densidade de pulsações que vão se apresentando em diferentes dimensões, entrelaçando visões e emoções de cada momento/ciclo desse processo.” (BRAGANÇA, 2005)

Referências

ARAÚJO, Helena Costa. *As pioneiras na educação: as professoras primárias na viragem do século: contextos, percursos e experiências, 1870-1933*. Porto: Afrontamentos, Instituto de Inovação Educacional, 2000.

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1972, p. 28-42.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRAGANÇA, Inês F. S. Fragmentos autobiográficos: memória e formação contínua de professores. *Contexto & educação*, Ijuí (RS): Ed. Unijuí, ano 16, n. 63, p. 107-118, jul./set. 2001.

_____. *Livro da vida*. Lisboa, texto não publicado, 2005.

_____. Memórias e práticas instituintes na escola. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, 26., 2000, Caxambu. *Anais...*, Caxambu, 2000.

CAMPOS, Bártolo Paiva. *Formação de professores em Portugal*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1995.

CATANI, D. B. et al. *Docência, memória e gênero*. São Paulo: Escrituras, 1997.

COUCEIRO, Maria do Loreto Paiva. Experiência e autoformação. Braga: II Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. *Ciências da Educação: Investigação e Acção*, v. II, 1995.

CUNHA, Maria Isabel da. *Conta-me agora!:* as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino, 2001. Disponível em: <www.educacaoonline.pro.br>.

DOMINICÉ, Pierre. *Learning from Our Lives: Using Educational Biographies with Adults*. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.

FERRAROTTI, Franco. *Histoire et Histoires de Vie: La méthode biographique dans les sciences sociales*. 2. tirage. Paris: Méridiens Klincksieck, 1990.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. História de vida: uma abordagem emancipatória aliando pesquisa e formação de professor reflexivo. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, 23., 2000, Caxambu. *Anais...*, Caxambu, 2000.

JOSSO, Marie-Christine. Cheminer avec: interrogations et défis posés par la recherche d'un art de la convivance en histoire de vie. In: PINEAU, Gaston (Ed.). In: *Accompagnements et Histoire de Vie*. Paris: L'Harmattan, 1998

_____. *Cheminer vers soi*. Suisse: Editions l'Age d'Homme, 1991.

_____. *Experiências de vida e formação*. Lisboa: Educa, 2002.

LINHARES, Célia F. S. *Experiências Instituintes em Escolas Públicas: memórias e projetos para a formação de professores*. Projeto de Pesquisa/CNPq. Rio de Janeiro: CNPq, 2000.

_____. *Relatório resumido*. Relatório de Pesquisa/CNPq. Rio de Janeiro: CNPq, 2001.

LINHARES, Célia Frazão; NUNES, Clarice. *Trajetórias de magistério: memórias e lutas pela reinvenção da escola pública*. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

NICO, José Bravo. A abordagem biográfica. In: NICO, José Bravo. *A relação pedagógica na universidade: "ser-se caloiro"*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação)–Universidade de Lisboa, Lisboa, p. 90-115, 1995.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Revista de Pesquisa Histórica*, São Paulo, n. 10, p. 1-178, dez. 1993.

NÓVOA, António. A formação contínua entre a pessoa-professor e a organização-escola. *Inovação*, v. 4, n. 1, p. 63-75, 1991.

_____. *Experiências de vida e formação*. Prefácio Marie-Christine Josso. Lisboa: Educa, 2002.

_____. O método (auto)biográfico na encruzilhada dos caminhos (e descaminhos) da formação dos adultos. CEEDC, Universidade do Minho. *Revista Portuguesa de Educação*, v. 1, n. 2, p. 7-20, 1988.

_____ (Org.). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992a.

_____ (Org.). *Vidas de professores*. Portugal: Porto Ed., 1992b.

PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. O lugar da memória e a memória do lugar na formação de professores: a reinvenção da escola como uma comunidade investigativa. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, 26, 2003, Caxambu. *Anais...*, Caxambu, 2003.

PINEAU, Gaston; LE GRAND, Jean-Louis. *Les Histoires de Vie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1993.

PINEAU, Gaston; MICHÈLE, Marie. *Produire sa vie: autoformation et autobiographie*. Paris: Editions Saint Martin, 1983.

SOUSA, Cynthia P.; CATANI, Denice B.; SOUZA, Maria Cecília C. C.; BUENO, Belmira O. Memória e autobiografia: formação de mulheres e formação de professoras. *Revista Brasileira de Educação*, n. 2, p. 61-76, 1996.

THOMSON, Alistair; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos e abusos da História oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

Inês Ferreira de Souza Bragança

Doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Évora-Portugal, Mestre em Educação e Pedagogia, pela Universidade Federal Fluminense. Professora da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e da Universidade Estácio de Sá. Tem vários trabalhos publicados em capítulos de livro, periódicos e anais de eventos nacionais e internacionais sobre formação docente, histórias de vida de professores(as), memória e história das escolas. Coordena o Núcleo de Pesquisa e Extensão Vozes da Educação: Memória e História das Escolas de São Gonçalo (UERJ) e faz parte do Grupo de Pesquisa ALEPH – Programa de Pesquisa, Aprendizagem-Ensino e Extensão em Formação dos Profissionais da Educação, da Universidade Federal Fluminense (UFF).

*Recebido em 27 de maio de 2009
Aprovado em 15 de junho de 2009*